

A FEMINIZAÇÃO DA CULTURA ESCRITA EM EXERCÍCIOS DO CUIDADO DE SI: EXPERIÊNCIAS DE UMA HISTORIADORA DA EDUCAÇÃO

Karina Klinke*

RESUMO: O ensaio objetiva compreender o processo de escrita da historiadora da educação, Eliane Marta Teixeira Lopes, como exercício do cuidado de si e experiência de feminização da cultura escrita. Fundamentado na História Cultural, o ensaio tem como fontes textos da autora de maior repercussão acadêmica e entrevistas, cotejados. Considera-se a sua escrita como exercícios do cuidado de si visto que nessa prática ela se reconhece como mulher, professora e autora, ao mesmo tempo em que constrói uma História da Educação escrita *no feminino*, como parte do processo de *feminização da cultura* (SIMMEL, 1902:2006). Com sua escrita ela rompe com uma tradição de pesquisas em educação que enfocava a escolarização somente do ponto de vista masculino, e que considerava como legítimo unicamente o professor, quando a maioria da categoria era formada por mulheres, ocultadas na História.

Palavras-chave: feminização, escrita, história cultural

FEMINIZATION OF WRITTEN CULTURE IN THE PRACTICE OF SELF CARE: EXPERINCES OF A HISTORIAN OF EDUCATION

ABSTRACT: This essay aims at understanding the writing process of the historian of education, Elaine Marta Teixeira Lopes, as a practice of self care and experience of feminization of written culture. Based on Cultural History, this essay uses as collated sources texts of this most renowned academic author and interviews. Her writings are considered as practices in self care since, in this practice, she recognizes herself as a woman, a professor, and as an author all at the same time that she constructs the History of Education written in *feminine*, as a part of the *feminization of culture* (SIMMEL, 1902:2006). In her writings she breaks from the research on education which focused on the point of view of masculine education and considered the professor the only legitimate one when the majority of the category consisted of women, concealed in History.

Key words: feminization, writings, cultural history.

* Pós-Doutorado no Departamento de História do IFCH/UNICAMP. Professora da Universidade Federal de Uberlândia. Doutora.

eu não quero ser professora de jeito nenhum, tinha pavor de ser professora.(LOPES, 2008)

O curso ministrado por Michel Foucault em 1982 no Collège de France, *Histoire des systèmes de pensée*,¹ foi consagrado à formação do tema da hermenêutica de si, estudo das formulações teóricas e análise em relação a um conjunto de práticas consagradas na Antiguidade clássica. Remete-se ao princípio de “ocupar-se consigo”, “cuidar de si mesmo” e sua conexão com o tema do conhecimento de si.

As primeiras elaborações filosóficas a respeito do cuidado de si, desveladas no estudo sobre *Alcebiades I* de Platão, apresentam-no como um princípio de cuidados permanentes, ao longo de toda a vida, que tem o ser como seu próprio objeto e como objetivo final estabelecer algumas relações consigo mesmo. É uma prática adulta, constante, regrada, cujos procedimentos exigem trabalho e objetivo. Tem como funções a crítica, desfazer-se dos maus hábitos e das falsas opiniões; a luta, fornecendo armas e coragem; e a função curativa e terapêutica, uma vez que o papel da filosofia é curar as doenças da alma. Deve se apoiar em uma relação com um mestre e podem lhe servir de suporte algumas relações sociais, como as organizações escolares, conselheiros privados, relações de família, amizade ou com personagens altamente situados a quem se peçam conselhos.

Em *Ditos e Escritos* Foucault considera que naquele tempo, por volta dos séculos I e II, “a introspecção se torna cada vez mais explorada. Uma relação se forma entre a escrita e a vigilância. Presta-se atenção às nuances da vida, aos estados da alma e à leitura, e o ato de escrever intensifica e aprofunda a experiência de si. Todo um campo de experiências que não existia anteriormente se abre”. (FOUCAULT, 2006b:156)

A cultura do cuidado de si comportava um conjunto de práticas, *Áskesis*. O objetivo dessas práticas é o exercício para se manter o domínio diante dos acontecimentos que podem advir. Os exercícios mais indicados são os discursos, *logoi*, discursos verdadeiros e racionais. Para enfrentar o porvir precisamos do *veridica dicta*, discursos verdadeiros, porque são eles que nos permitem afrontar o real.

A respeito dos discursos verdadeiros são colocadas três questões:

1ª) A natureza dos discursos: diz respeito à necessidade dos conhecimentos teóricos, ou seja,

¹ Publicado no *Annuaire du Collège de France, 82^e année, Histoire des systèmes de pensée, année 1981-1982*, 1982, pp. 395-406. Republicado em *Dits et Écrits, 1954-1988*, ed. Por D. defert & F. Ewald, colab. J. Lagrange, Paris, Gallimard/ “Bibliothèque des sciences humaines”, 1994, 4vol.; Publicado no Brasil em *A hermenêutica do Sujeito*, edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2006.

discursos verdadeiros concernentes àquilo que somos em nossa relação com o mundo, em nosso lugar na ordem da natureza, em nossa dependência ou independência quanto aos acontecimentos que se produzem;

2ª) Modo de existência em nós destes discursos verdadeiros, de modo devemos estar em condições de recorrer a eles quando houver necessidade. Assim, interiorizamos verdades recebidas por uma apropriação sempre crescente;

3ª) Os métodos desta apropriação na forma de exercícios progressivos de memorização, sendo importantes: a) a escuta; b) a escrita: tomar notas sobre as leituras, as conversas, as reflexões que se ouve ou que se faz consigo mesmo, conservar cadernos de apontamento a serem relidos; c) retornos sobre si como exercícios de memorização daquilo que foi aprendido.

A escrita é, portanto, um exercício do cuidado de si, como método progressivo de apropriação do discurso verdadeiro. Discurso esse que, como explica Foucault (2006a:608) no resumo de seu curso, dota “o sujeito de uma verdade que ele não conhecia e que não residia nele e fazer dessa verdade aprendida, memorizada, progressivamente aplicada, um quase-sujeito que reina soberanamente em nós”. O discurso, tomado como prática e principal matéria-prima do historiador, “se não cria o mundo, apropria-se deste e lhe proporciona múltiplos significados”. (JENKINS, 1991)

Nosso objetivo neste ensaio é compreender como a historiadora da educação Eliane Marta Teixeira Lopes exercita sua escrita, *no feminino*. Como ela historiciza a educação das mulheres brasileiras na perspectiva feminina, sob o ponto de vista da aluna que foi e da formadora de professoras que é enquanto produz essa história. No exercício da *meditatio* faz uma espécie de experiência de identificação, ao exercitar-se na coisa em que pensa. (FOUCAULT, 2006a) Através da *meditatio* faz com que a verdade seja gravada no espírito de maneira que dela se lembre tão logo haja necessidade, de maneira a tê-la à mão e fazer dela imediatamente um princípio de ação. Foucault (2006a) situa a atividade da escrita entre o exercício do pensamento no meditar e a prática da ação de exercitá-la. É esta atividade da historiadora que buscamos compreender aqui.

Da sagrada missão pedagógica

“Ser professora” é uma temática reiterada na obra de Eliane Marta Teixeira Lopes. No artigo *Professora* (1997), a questão do gênero feminino no exercício do magistério é evidenciada: “o exercício desse professorado se faz de maneira diferente? A desinência indicando o gênero –professor/professora –, por si só, pode trazer atributos de exercício profissional diferentes?” (LOPES, 1997:36) Posta a questão, o texto desenvolve uma

argumentação que apresenta como os homens são mais citados do que as mulheres na História, enquanto elas:

Esquece-se de que as mulheres sempre ensinaram, a vida e a morte. A andar, a falar (a língua não é materna?), a vestir, a comer; encomendam e pranteiam os mortos da família e da cidade; tudo isso, faziam as mulheres, antes que a escola fosse um espaço ocupado por elas... quase integralmente.(LOPES, 1997:36)

Segundo o texto, durante muito tempo, foi só nos conventos que a mulher ocupou legitimamente o lugar daquela que ensina e a história da formação da professora tem suas particularidades. Conclui: “O exercício da profissão – o ser professora – terá também suas particularidades. Ser professora é diferente de ser professor.” (LOPES, 1997:37)

O texto *Da sagrada missão pedagógica* (2001)² aprofunda o assunto mostrando o modelo de “ser professor e ser professora” como um ideal presente na sociedade e na formação de professores. Afirma que tal modelo é disseminado através de discursos, editoriais, artigos e livros que enaltecem determinadas qualidades e apontam defeitos aos quais é preciso fugir para ser um “bom professor” ou uma “boa professora”. Retoma o interior de uma congregação religiosa, a das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, no século XVIII, e mostra como essas religiosas, assim como as Ursulinas no século XVI (1972), são educadas em uma concepção de “maternidade espiritual” e de apostolado. Apresenta-nos como a *missão pedagógica* se desenvolve em vários discursos.

Para a francesa Marie Carpentier (1847) o magistério é uma “missão de devotamento”; para o educador brasileiro Firmino Costa (1918) a professora não deve subalternizar seus deveres e, para isso, aponta o cuidado com a “incompatibilidade entre os deveres de mãe de família e os de professora”; para outro educador brasileiro, Almeida Junior (1927), a professora pode ser pobre, mas feliz por ser “boa professora e boa dona de casa”; para Noraldino Lima (1932), em seu discurso às formandas do Colégio Normal de São João Del Rei, a professora ideal “tem a cruz de Cristo no seu escudo e a bravura de Godofredo no seu coração.” (apud LOPES,2001:42-45)

Os jornais e as revistas de educação, ao noticiarem os eventos escolares, segundo LOPES (2001:44-46), também trazem a imagem construída sobre a escola e seus agentes. No

² Seu livro com o mesmo título, *Da sagrada missão pedagógica* (2003), é resultado de sua tese de pós-doutorado na École de Hautes Études de Sciences Sociales (1987), para onde levou a proposta inicial de trabalho sobre a história das filhas do *Colégio da Providência* das Minas Gerais do século XVIII, somadas ao conhecimento lá adquirido sobre as irmãs vicentinas da Companhia das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo, na Paris do século XVII.

jornal *Estado de Minas* (1931) as professoras são consideradas “moças dedicadas e hábeis”, “competentes e carinhosas, compenetradas de seus deveres e da missão de educadoras”. Em prescrição da *Revista do Ensino* (1932), órgão da Instrução Pública de Minas Gerais, para ser professor “é fazer, em suma, da própria vida uma oblação perene da energia da vontade, um código de ética mais elevado.” A *Oração do Mestre*, de Gabriela Mistral, é repetida em publicações da *Revista do Ensino* entre 1933 até a década de 1960, e diz: “Senhor! Tu que ensinaste, perdoa que eu ensine e que tenha o nome de Mestre que tiveste na terra. [...] Dá-me que eu seja mais mãe do que as mães...”

No texto *De Helenas e de professoras* (1991a) Eliane Lopes se posiciona diante do objeto estudado, aproximando-se do mesmo como próprio sujeito do que pesquisa: “não somos o que o discurso religioso ou o discurso moderno nos ensinou que deveríamos ser [...] quem somos nós [mulheres e professoras] afinal?” Reflexões sobre essa questão perpassam a obra da autora, na qual ela exorciza leituras e escutas de uma carreira de docência, pesquisas, de vida. Na perspectiva dos cuidados de si, o ato de escrever intensifica a aprofunda a experiência de si enquanto as nuances da vida, os estados da alma, as leituras, enfim, todo um campo de experiências se abre.

Em *A educação da mulher: a feminização do magistério* (1991b:02) o título do texto é assim justificado pela autora: “diz mais do que de mim, diz do universo em que habito. A maioria de minhas professoras foram mulheres, das minhas colegas são mulheres. Sou, eu mesma-mulher, professora, contragosto já revisitado.” E completa: “sempre foi ofício das mulheres ensinar. Transmitiam aquilo sem o que não se vivia: a vida (trazer á luz) e a morte (chorar os mortos).” (LOPES, 1991b:04) É deste ofício que em sua obra se pode observar o trabalho da tecitura de seus textos, nos quais a interpretação faz aproximações da psicanálise com a educação: “interessa-me especular se encontro no referencial psicanalítico, freudiano e lacaniano alguma possibilidade de resposta que me possibilite mudar aquelas perguntas, isto é, sair do lugar.” (Idem:13)

Para Eliane Lopes, pensar a partir do enfoque de gênero é tentar descobrir o quanto existe de arbitrário na posição que homens e mulheres ocupam na sociedade. Neste sentido, os “mestres” na história da educação são homens, enquanto as mulheres ocuparam legitimamente o lugar daquela que ensina somente nos conventos; assim o ofício de ensinar vinculado à maternidade advém da “domação” da sexualidade da mulher, de seus anseios e desejos. Isto se materializa na vigilância do vestuário da professora, dos processos e dos produtos de seu conhecimento.

A vigilância aparece nas práticas de leitura das professoras. O primeiro Regulamento

das Escolas Normais que temos conhecimento (KLINKE, 2003) prescrevia para as normalistas os livros adequados à sua leitura através da indicação dos livros para compor a “pedagógica”: “não podendo fazer parte da biblioteca obras ou publicações contrárias à moral ou aos bons costumes, ainda que sejam de elevado valor literário”. (GOVERNO, 1912) Observa-se que a rigidez na prescrição das obras que deveriam ou não fazer parte das bibliotecas restringia as possibilidades de leitura das futuras professoras primárias,³ demonstrando uma preocupação com sua formação moral. Fato justificado em favor dos valores que eram disseminados como sendo os mais importantes na educação do cidadão republicano, a saber, os alunos e alunas que seriam formados pela professorandas. No discurso da época, o *progresso* do País dependia “*diretamente da escola*”, por isso, ele estava “*,rios dos mestres prim, essencialmente, os dos professores e nas mconsiderados educadores por excelência*”. (Ibidem) Na profissionalização do magistério, advinha, desses valores, a associação da moralidade ao saber.

Não só na formação das professoras a leitura das mulheres foi regrada, mas a história sinaliza que durante séculos ela foi vigiada e controlada, de preferência pelo marido, pelo pai ou pela Igreja. Sem dúvida práticas de leitura femininas se ampliaram consideravelmente com o aumento da escolarização das mulheres no século XX e das múltiplas oportunidades de acesso a obras que nos séculos anteriores lhes eram restritas. Novas estéticas femininas da existência se constituem nessas práticas, agora públicas, de ler e ser lida. Se na privacidade as mulheres encontram seus caminhos para uma leitura intimista, com a qual elas estabeleceram relações dialógicas⁴ e (re)construíram maneiras de ser e cuidados de si, também é na vida pública, nos discursos compartilhados sobre a leitura, que ela criou novas relações com saberes, com poderes, com formas de dominação e sobre elas criou formas de resistência. Conhecer essas práticas nos ajuda a compreender algumas técnicas de constituição da própria subjetividade desenvolvidas a partir das práticas de liberdade, “de resistência ao poder político na relação de si para consigo”, como propõe Foucault (2006b:306). Liberdade de

³ Segundo CHARTIER & HÉBRARD (1995, p.119), quaisquer que sejam as intenções que presidiram ao seu nascimento, a biblioteca é um dispositivo evidente de controle das leituras populares; controle conservador, reformista ou revolucionário, conforme o caso, controle privado ou público, conforme o Estado esteja ou não presente, mas sempre em controle daqueles que ainda não sabem ler bem, ou escolher seus livros; daqueles que não se deveria deixar sós para enfrentar os perigos de certas leituras no universo cada vez mais amplo do texto escrito. Portanto, as palavras que justificam sua existência se relacionam menos com o dispositivo em si mesmo do que com as finalidades de uma estratégia mais global, desenvolvida por todas as instâncias do poder ou do contra poder, a serviço dos seus valores e ideais.

⁴ Na perspectiva de Bakhtin (1981) a leitura é um encontro de dois textos: daquele que está concluído (escrito) e daquele que está sendo elaborado pelo leitor enquanto lê, dando um novo propósito ao primeiro.

escolher leituras e de praticá-las, (re)inventando-se a si mesma como mulher e como autora. É a partir das histórias de leituras e das escritas femininas que podemos saber sobre os espaços sociais que ela desbravou como mulher pública e como transcendeu os espaços pré-determinados como masculinos, em uma estética da existência feminina.

Essa estética se cria e se recria na história de leiturização da autora Eliane Lopes. A literatura e a música sempre fizeram parte de sua rotina na vida. Sua infância e juventude foram recheadas de livros e músicas. Só era proibido ler revistas em quadrinhos (gibis), pois o pai considerava que estes atrapalhavam o “bom hábito” da leitura. Mas na juventude foi-lhe permitido ler coleções em formato de livro cujo teor era o mesmo das revistas de amor em quadrinhos, como *Menina e Moça*⁵ e *Coleção das Moças*⁶, cujas quais devorava com furor.

Da coleção de livros policiais e romances de Capa-Espada⁷ do pai, herdou o gosto pelos livros. Segundo ela, mais pelo livro do que pela leitura.

Ganhou seu primeiro livro aos 13 anos de idade, *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley.⁸ A leitura deste livro que era totalmente *seu*, ganhado para si, transportou-a para uma experiência em que vivenciou, junto com a autora, sua própria vida de menina ou aquela vida que gostaria de viver. Identificou-se com as experiências cotidianas e sociais do texto, que se passam no interior de Minas Gerais. Na tentativa de se apropriar da autoria daquele diário, reproduziu, na primeira página, o título do livro com sua letra, tomando-o para si, acrescentando, para isso, seu endereço junto ao título.

Depois daquele muitos livros foram ganhos, porque as pessoas sabiam de sua preferência: amigos, amigas, familiares, até o momento em que pararam de lhe dar livros porque diziam não saber mais os títulos que ela não tivesse (para sua tristeza). Alguns deles ainda guardados carinhosamente como *Eu e Você* de Paul Géraldy,⁹ presente de uma amiga em 1964. Na juventude leu muitos poemas intimistas, de amor, cartas. O pedido de

⁵ H. GIRAUD, Editora José Olympio.

⁶ M. DELLY, Companhia Editora Nacional.

⁷ Romances de Capa-Espada relatavam um período da História da França no qual os heróis eram cavaleiros de capa e espada. Não se desfez nenhum livro policial de sua coleção. Preferidos: Georges Simenon [belga, 1903-1989], que criou o Inspetor Maigret e Paul Auster [1947-].

⁸ Helena Morley é o pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970), nascida em Diamantina, Minas Gerais. *Minha Vida de Menina* é um diário que cobre entre os doze e os quinze anos (1893 a 1895) da garota na província, abordando o dia-a-dia na família e na escola como também alguns comentários sobre a vida da cidade e da região, com seus costumes arraigados, suas relações sociais, suas contradições. Publicado pela primeira vez em 1942, o livro foi exaltado por escritores como Carlos Drummond de Andrade e Elizabeth Bishop (que o traduziu para o inglês). Hoje está em sua 19ª edição. (Cf. Produtora Radiante <http://www.vidademenina.com.br/vidademenina_livro.htm>)

⁹ Título original *Moi e Toi*. Tradução de Guilherme de Almeida.

aniversário de 15 anos, ao pai, foi a coleção completa de Machado de Assis, 35 volumes, todos lidos.

E a escolarização também lhe deixou muitas marcas de leituras. Do Curso Clássico no Colégio Estadual de Belo Horizonte, lembra da *Coleção Nossos Clássicos*, livros de bolso, de baixo custo, que iniciava alunas e alunos na literatura brasileira e portuguesa. O primeiro indicado pelo professor de Português foi Jorge de Lima [1853-1953], em 1962. As marcas de leitura mostram um interesse quase exclusivamente escolar pelo livro (estudo poético).

A leitura indicada na escola a induziu na busca de outros clássicos da Coleção nas livrarias da cidade: Fernando Pessoa [1888-1935] e Mário de Sá Carneiro [1890-1916]. E estas leituras levaram a outras, Clarice Lispector, Raquel Jardim, Manoel Bandeira, Eugenio de Andrade, Assis Brasil, Lia Luft, Claudio Manoel da Costa, Anibal Ricardo, Goethe, Jules, Lagorgue, Byron, Leewis Carroll, Cecília Meireles, João Guimarães Rosa, Baudelaire... Leituras literárias, mas não somente literárias. A vida é composta de muitas leituras, diversos são os interesses. Umas escolhidas, outras indicadas, possíveis, algumas inacessíveis. Entre as preferidas estavam também os Suplementos Literários e as crônicas de jornais de circulação local e nacional.

O Curso de Pedagogia na UFMG (1966-69), além das leituras para estudo, proporcionou a leitura de revistas que, como ela mesma diz, serviam como fundamento para as conversas entre universitário, como *Pasquim*, *O Sol* e outros periódicos locais do mesmo estilo. Mas nunca abandonou a literatura, ao contrário, ela sempre lhe inspirou. A partir de 1970, já concursada para professora Auxiliar de Ensino de História da Educação na UFMG, não somente lia como indicava leituras que hoje considera “de conteúdos esquemáticos: Aníbal Ponce, Manachorda, coleção de história geral de autores russos publicada pelo Centro do Livro Brasileiro de Lisboa. [...] eram panfletários, esqueléticos, sofríveis”. (LOPES, 2001b:07)

No Mestrado em Educação (UFMG, 1977-80), intensificaram-se as leituras chamadas “teóricas”, aquelas que fundamentaram suas pesquisas. Na sequência, o Doutorado em Filosofia da Educação (PUC/SP, 1980-84), três anos depois, o Pós-doutorado (École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, França, 1987-88) e ainda a tese para o concurso de professor titular (1991): Marx, Gramsci, Platão, Merleau-Ponty, Tocqueville, Barthes, Freud, Lacan, Michel de Certeau, Paul Ricoeur, Engels, Henri-Irenée Morrou, Pierre Chaunu, a lista é imensa.

Assim segue até hoje Eliane Lopes, entre leituras que a inspiram, fundamentam suas pesquisas e instigam a autora. Nestes exercícios, “a questão não está em descobrir a verdade

de si mesmo, mas em saber de quais princípios verdadeiros se está provido, até que ponto se está em condições de deles dispor quando necessário.” (FOUCAULT, 2006a:640) Para ela as memórias de leitura são:

Palavra pescando o que não é palavra. Porque na verdade a leitura tem muito essa função. É palavra pescando o que não é palavra e que depois vai virar palavra de novo. E é todo esse movimento do inconsciente que alguma coisa desperta, faz trabalho, faz trabalhar, e você simboliza de novo. Então por isso essa relação da leitura com a escrita, que é muito rica. (LOPES,2008)

A mulher-autora vai, assim, construindo e re-construindo a si mesma, através das trocas simbólicas e lingüísticas que mantém com os textos que interage, “como sujeito de ação racional pela apropriação, a unificação e a subjetivação, de um já-dito fragmentário e escolhido.” (FOUCAULT, 2006a:640) Esta busca lhe permite manter a relação de si para consigo como princípio e regra das relações com as coisas, pois “o cuidado de si não é um convite à inação, mas ao contrário: aquilo que nos incita a agir bem, aquilo que nos constitui como sujeito verdadeiro de nossos atos. Mas antes que nos isolar do mundo, é o que nos permite nele nos situar corretamente”(GROS, In FOUCAULT, 2006a:651):

Dirigindo a atenção para si, não se tratava, como vimos, de abster-se do mundo e de constituir-se a si mesmo como um absoluto. Mas antes de medir mais precisamente o lugar que se ocupa no mundo e o sistema de necessidades no qual se está inserido. (FOUCAULT, 2006a:652)

Enquanto exercita o cuidado de si, historiciza a educação, as Minas Gerais, Sant’Ana, a colonização, a Sagrada Missão Pedagógica; analisa a escolha dos objetos e o uso das fontes, a eleição das categorias de análise; esclarece ao leitor *como* o historiador – e em especial o/a historiador/a da educação – pergunta para o passado sob o ponto de vista do presente. Seus textos são *práxis* historiográfica, não somente na perspectiva da autoria, mas também no sentido de fazer o leitor pensar como se produz a História e como participa dela. Uma historiadora das mentalidades.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, A.M.; HÉBRARD, J. *Discursos sobre a leitura — 1880-1980*. Trad. Osvaldo Biato e Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995.

FOUCAULT, M.. *A hermenêutica do Sujeito*. Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2006a.

_____. *Ditos e escritos*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Org. Manoel de Barros Motta. Vol. III. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. DECRETO n 3.738, 1912, Art. 293, §1º.

KLINKE, K.. *Escolarização da leitura no ensino graduado em Minas Gerais 1906-1930*. Tese de doutorado em educação. 2003. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

LOPES, E. M. T.. Entrevista cedida em 03 de junho de 2008.

_____. Da sagrada missão pedagógica. In: LOPES, E. M. T. (org). *A psicanálise escuta a educação*. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. De Helenas e de professoras. *Teoria & Educação*. n.4. Porto Alegre: Panorâmica, 1991a.

_____. A Educação da Mulher: A Feminização do Magistério. *Teoria & educação*, n. 4, 1991b. p. 02-13.

_____; ASSUNÇÃO, M. M. S.. Professora. *Presença Pedagógica*. n. 13, Belo Horizonte, 1997. p.36-38.

SIMMEL, G.. *Filosofia do amor*. Trad. Eduardo Brandão. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.